

O *ETHOS* DE UMA CRIANÇA NA PANDEMIA DE COVID-19: A INTER-
RELAÇÃO DAS PROVAS RETÓRICAS

*THE ETHOS OF A CHILD DURING THE COVID-19 PANDEMIC: THE
INTERRELATION OF RHETORICAL EVIDENCE*

Neilton Falcão de Melo¹
Genilma Dantas Andrade²
Keila Vasconcelos Menezes³

RESUMO: As provas de persuasão fornecidas pelo discurso, segundo Aristóteles, residem no *ethos*, no *pathos* e no *logos*. Assim, este trabalho busca analisar como a inter-relação entre essas provas retóricas contribuem para a construção do *ethos* do orador em um relato de um pré-adolescente durante a pandemia de Covid-19. O estudo embasa-se em autores como Aristóteles (2005), Melliandro Galinari (2014), Ruth Amossy (2018), Dominique Maingueneau (2018; 2015), Patrick Charaudeau (2010) e Luiz Ferreira (2017). As análises demonstraram que o *ethos* construído pelo orador é afetado pelo contexto pandêmico.

Palavras-chave: provas retóricas; ethos; infância; pandemia.

ABSTRACT: The proofs of persuasion provided by discourse, according to Aristotle, reside in ethos, pathos and logos. Thus, this paper has as objective to analyze how the interrelationship between these rhetorical evidences contribute to building the speaker's ethos in a report of a pre-adolescent during the Covid-19 pandemic. As theoretical support, we use authors such as Aristotle (2005), Melliandro Galinari (2014), Ruth Amossy (2018), Dominique Maingueneau (2018; 2015), Patrick Charaudeau (2010) and Luiz Ferreira (2017). The analyses demonstrated that the ethos constructed by the speaker is affected by the pandemic context.

Keywords: rhetorical evidence; ethos; childhood; pandemic.

¹ Doutorando, UFS.

² Doutoranda, UFS.

³ Mestranda, UFS.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Embora alguns autores privilegiem o estudo de um ou outro elemento da tríade retórica, a persuasão nas mais diversas situações do cotidiano implica, pela própria complexidade que esse ato requer, que aquele que assume a palavra, como nos diz Aristóteles ([384-322 a. C.] 2005, p. 241), “não basta possuir o que é preciso dizer, mas torna-se também forçoso expor o assunto de forma conveniente”. Isso significa que o orador precisa ser digno de fé pelo que seu discurso demonstra⁴. Para tanto, uma consistência discursiva envolve o *logos* (o discurso), o *ethos* (o orador) e o *pathos* (o ouvinte).

Assumindo esse intento descrito pelo mestre de Estagira, este artigo analisa a inter-relação entre as três provas retóricas em uma entrevista de um pré-adolescente, procurando responder como essa inter-relação contribui para a construção do *ethos* do orador e como os resultados encontrados se articulam com a infância. A busca por essas respostas fundamenta o interesse principal desta investigação.

O *corpus* analisado é um vídeo de dois minutos e onze segundos, denominado *Minha mãe fica em casa, mas trabalhando*, produzido pela ONG *Campanha Nacional pelo Direito à Educação*, disponibilizado em 02 de junho de 2020 e atualizado no dia 09 do mesmo mês. Trata-se do Volume 6, intitulado *Guias Covid-19: Comunidade Escolar*. Esse vídeo, apesar de curto, traz uma riqueza de detalhes que revela o *ethos* do orador e possibilita construir o *ethos* alheio.

Ressaltamos a importância de destacar outros trabalhos realizados em torno de questões de *ethos*, com base em relatos do orador durante a pandemia de Covid-19. A professora Márcia Regina Mariano juntamente com o professor Gilvan Costa Santana (2020), por exemplo, a partir dos estudos de Aristóteles e Ruth Amossy, analisaram

⁴ Neste texto, a palavra *discurso* pode ser entendida em duas acepções: (1) como competência inata de se comunicar e (2) como manifestação oral ou escrita articulada, ou seja, o ato retórico.

relatos de docentes e apresentam como as imagens docentes se mostram em relatos de experiência com o ensino remoto emergencial durante essa pandemia.

Na mesma linha dos estudos retóricos e neoretóricos, o nosso trabalho amplia as questões de *ethos* do orador a partir de relatos de experiência durante a pandemia de Covid-19. No entanto, este trabalho reside no fato de estudar a experiência não do docente, mas do aluno da educação básica. Diante disso, em nossa proposta há uma outra perspectiva, cujo *corpus* selecionado ainda não foi analisado sob o olhar e os procedimentos adotados nesta abordagem.

Assim, a partir dessas e de outras contribuições importantes no campo dos estudos retóricos e discursivos, pretendemos ampliar os estudos sobre a construção do *ethos* de membros do segmento escolar, desta vez, do orador/aluno, no período pandêmico, conforme mencionado. Para tanto, partimos dos pressupostos teóricos dos estudos (neo) retórico-discursivos com Aristóteles (2005); dos estudos promovidos por Ferreira (2017), Amossy (2018a; 2018b), Maingueneau (2018; 2015), Charaudeau (2010) e Galinari (2014). Utilizamos também, para embasar este estudo, dados sobre a pandemia de Covid-19.

2. PONDERAÇÕES SOBRE A PANDEMIA DE COVID-19

Quase toda a atenção mundial em 2020 voltou-se para o gerenciamento da Covid-19 e para o controle da propagação do vírus causador dessa doença. De acordo com relatos da ONU, essa pandemia agravou a crise humanitária global (DW, 2020), com risco de fome extrema em várias regiões. Reportando-nos especificamente para o Brasil, muitos segmentos foram atingidos, por exemplo: fechamento de vários setores de trabalho, lojas, restaurantes, *shoppings*, praias, limitação de viagens, suspensão das aulas presenciais nas escolas, entre tantos outros. Com essas restrições, e por questões de medidas de distanciamento social recomendadas pelos órgãos de saúde, as relações

sociais virtuais passaram a ser a forma mais eficaz. Muitas pessoas tiveram que trabalhar na forma *home office*; várias, sequer possuíam um aparelho celular; outras, por questões — históricas e sociais —, que não mencionaremos aqui, não tiveram a mesma sorte e perderam seus empregos (ESTADÃO, 2020). Criou-se, diante de tudo isso, um cenário de incertezas que perpassa por questões éticas e de direitos humanos e, conseqüentemente, merecem análise crítica e prudência.

Nesse cenário, segundo informação do jornal USP (2020), a pandemia trouxe impactos psicológicos para a população vulnerável das comunidades, tais como medo de morrer, esgotamento, preocupação, desespero e incertezas. Por experiência, na área da educação, por exemplo, o fechamento das escolas tornou-se um grande desafio para professores e alunos, pois todos precisaram se adaptar. Com isso, sobretudo por fatores econômicos, muitos alunos tiveram dificuldades ou até mesmo ficaram impossibilitados de acompanhar as aulas. Em nosso *corpus* de análise, essa dificuldade parece ser muito latente, basta imaginarmos que se trata de uma criança que mora sozinha com a mãe, que é costureira.

3. PERCURSOS TEÓRICOS

Na concepção aristotélica, a Retórica tem uma função heurística, de descoberta, pois busca o melhor meio de persuadir em cada questão (ARISTÓTELES, 2005). Para tanto, esse filósofo aponta que há três elementos essenciais que levam o auditório a aderir a uma tese proposta: o *ethos*, o *pathos* e o *logos*. O *ethos* refere-se ao caráter do orador e tem relação com a imagem de si, criada no momento da enunciação; o *pathos* representa o poder do orador e pode ser entendido como um conjunto de sentimentos e paixões para conseguir despertar alguma reação no auditório; e o *logos* corresponde ao discurso propriamente dito, à argumentação.

Partindo dos estudos retóricos de Aristóteles, Ruth Amossy (2018b, p. 07) afirma que todo discurso visa “produzir um impacto sobre seu público [...] para fazê-lo aderir a uma tese”, ou, de forma aparentemente modesta, “modificar a orientação dos modos de ver e de sentir”. Assim sendo, com maior ou menor intensidade, sempre há um tom persuasivo na fala do orador. Além disso, para a autora, qualquer discurso projeta uma imagem do orador (AMOSSY, 2018b). Em outras palavras, não é necessário que o locutor expresse detalhadamente suas qualidades, visto que as marcas da subjetividade que se manifestam por meio do *logos* e do *pathos* constroem, deliberadamente ou não, uma apresentação de si (*ethos*) em seu discurso. Há, portanto, na construção do *ethos* uma dimensão racional (de ordem do *logos*) e uma potencialmente afetiva (proveniente do *pathos*).

Amossy (2018b) sinaliza que a imagem que o orador projeta pelo discurso tem relação com dados sociais anteriores e com a imagem que o público tem desse orador. Portanto, há uma imagem preexistente do orador, um *ethos* prévio construído a partir dos estereótipos, das representações sociais e dos imaginários sociodiscursivos. Nesse mesmo viés, Dominique Maingueneau (2018; 2015) ressalta que, apesar de o *ethos* estar crucialmente ligado ao ato da enunciação, não tem como escapar de uma antecipação por parte do público (coenunciador), que cria uma imagem do enunciador antes mesmo que ele enuncie, seja por meio de seu posicionamento ideológico (que induz expectativas em matéria de *ethos*), evidências, dados, comportamentos e até mesmo pelo fato de o texto pertencer a um determinado gênero⁵. Esse entendimento sobre a imagem prévia leva Maingueneau a propor uma distinção entre *ethos* discursivo e *ethos* pré-discursivo⁶. O público pode validar ou não o *ethos* prévio a partir do discurso do orador.

⁵ O que Amossy denomina de *ethos* prévio, Maingueneau chama inicialmente, na década de 1990, de *ethos* pré-discursivo e passou a denominá-lo como *ethos* anterior a partir de 2014, com finalidade de evitar possíveis confusões inerentes ao termo discursivo.

⁶ Essa informação encontra-se no artigo *Ethos, cenografia e incorporação* publicado no livro *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*, organizado por Ruth Amossy e publicado inicialmente em

No que tange ao *ethos* discursivo, Maingueneau (2018) defende que o que é dito e a maneira como é dito, assim como a maneira de se vestir e de se portar no espaço social, são elementos que atuam na construção da imagem do enunciador. Desse modo, na visão desse autor, o *ethos* é uma manifestação subjetiva, que emerge na enunciação, sendo formado pelo *ethos* dito e pelo *ethos* mostrado. Dessa forma, o *ethos* dito é aquele através das referências que o enunciador mostra diretamente enquanto fala, já o *ethos* mostrado corresponde, por exemplo, a valores ideológicos e sociais que o enunciador assume enquanto discursa.

Numa concepção mais moderna de *ethos*, Luiz Ferreira (2017, p. 90) afirma que “o *ethos* é a imagem que o orador constrói de si e dos outros no interior do seu discurso”. Portanto, há um alargamento do *ethos*, considerando que é possível falar não apenas no *ethos* do orador/enunciador, mas também no *ethos* de outros, de quem o orador fala.

Um ponto fundamental sobre o estudo do *ethos* diz respeito ao imbricamento com as demais provas retóricas. Sobre essa inter-relação, Melliandro Galinari (2014, p. 265) afirma o seguinte: “A partir do *logos* retórico, de sua verdade construída/reforçada discursivamente, das ações que ele sugere, podemos perceber, num segundo momento ou olhar, o *ethos* que daí aflora e, num terceiro momento, as emoções passíveis de serem deflagradas (o *pathos*)”. Destarte, nos discursos, essas três provas imbricam-se, amalgamam-se e alternam-se de acordo com as escolhas realizadas pelo orador com base naquilo que conhece e na resposta do seu auditório. Em nossa análise, veremos como essa inter-relação contribui, sobretudo, para a construção do *ethos* do orador.

2005. Vale frisar que embora já utilizasse noções sobre *ethos* desde sua *Gênese dos discursos*, publicada originalmente em 1984, Maingueneau começa a utilizar o termo *ethos* propriamente dito a partir da publicação de *Novas Tendências em Análise do Discurso*, em 1987.

4. OS PASSOS METODOLÓGICOS E A ANÁLISE DO *CORPUS*

Neste estudo adotaremos, conforme descrevemos nas considerações teóricas, as noções de *ethos prévio*, a partir de Amossy (2018a; 2018b) e Maingueneau (2018; 2015); e *ethos* a partir de Maingueneau (2018; 2015) e Ferreira (2017). Como passo a passo, utilizaremos os postulados descritos por Galinari (2014) para analisar a inter-relação das três provas retóricas. Tomaremos o *logos* em seu sentido retórico, como defende Galinari (2014), levando em consideração as suas usuais condições de produção e o enquadramento genérico do discurso: sua complexidade estrutural, seu caráter dialógico, seu vínculo com saberes partilhados (valores, representações sociais, estereótipos, ideologias etc.), sua figuração e sentido num determinado contexto, sua potencialidade de gerar, no plano da adesão, impactos a uma adesão intelectual, comportamental e emotiva.

Nesse sentido, a partir da estrutura do *logos*, as marcas da subjetividade implicam em imagem do orador, ou seja, o *logos* se transcodifica em *ethos*. Visto que o orador, por meio do *logos*, objetiva criar um impacto no auditório, é passível que se desdobre no *pathos*. As imagens de si que o orador revela pode desencadear emoções no *pathos*, de modo que o *ethos* pode se desdobrar em *pathos* sem perder o seu posto de *ethos*.

O texto em análise materializa o discurso de um pré-adolescente de 10 anos de idade, na pandemia de Covid-19. Trata-se, como já citamos na parte introdutória desse estudo, de um vídeo de dois minutos e onze segundos, com o sugestivo título: *minha mãe fica em casa, mas trabalhando*. Seguindo o passo a passo metodológico conforme esboçado, começaremos a análise pelo *logos*, sem a pretensão de esgotar todos os detalhes contidos no texto. Frisamos que, como é característico das provas retóricas

aristotélicas, em certos momentos haverá imbricamento. Vejamos o discurso do menino L⁷, dividido em três partes:

“As coisas boas são... É... Eu tenho tempo pra construir essa caixa só que eu vou ter que esperar mais vinte e três dias para completar ela. Eu também posso brincar com as gatas, posso me divertir... Mas as coisas ruins são: não posso sair de casa, minha mãe tem que ficar em casa, mas ela tem que ficar trabalhando, é... Eu não posso ver muito meus amigos... Eu não posso abraçar meus primos...”

SENTIMENTOS

“Sentimentos são: felicidade, porque eu posso ficar bastante tempo com meus pais... com minha mãe, porque meu pai mora fora. É... Tristeza... porque minha mãe não pode ficar o tempo inteiro comigo. E também... é... muita... muito ansio (sic) [ansioso] pra sair de casa e poder brincar na rua.”

O QUE VOCÊ DIRIA PARA OS ADULTOS?

“Eu diria para eles ficarem ma::is com as crianças. Eu diria pra eles tirarem mais tempinho de folga. Eu diria para eles nã::o ficarem o dia inteiro no computador trabalhando e só raramente sair na hora de almoçar. De noite pra brincar com o filho. Eu tava pensando tipo: de tarde e de noite brincava com o filho. Eu também diria pra eles... se divertirem mais, brincarem mais com os filhos, verem mais filmes de séries em família ao invés de ficar no meio do filme olhando o celular. E... Eu gostaria que minha mãe ajudasse a construir essa caixa comigo, só que ela tem muita coisa pra fazer. E... Tchau!”

Antes da análise, de forma rápida, faz-se necessário ressaltar algumas informações pertinentes. Ao iniciar o vídeo, há uma *hashtag* com os seguintes dizeres: *#PraTodosVerem: Menino L, 10 anos, pele preta, cabelos crespos e veste uma camiseta regata*. No momento em que acessamos essa materialidade, o vídeo contava com sessenta e seis visualizações do público. Essas informações são fundamentais para esta análise, pois o leitor (que não assistiu ao vídeo) ao fazer a leitura deste artigo construirá, a partir dos estereótipos sociais, uma **imagem prévia** dessa criança. O número de visualizações também é importante porque, de certa forma, termina sendo um indicativo do quanto o conteúdo do vídeo despertou no público algum tipo de

⁷ Adotaremos a letra **L** para nos referirmos ao nome da criança.

sentimento. Nesse ponto, já teríamos um imbricamento entre o *logos* (as informações em si), o *ethos* (a imagem que se faz do menino) e o *pathos* (as possíveis reações despertadas no público).

Tendo em vista essas informações, vale ressaltar, ainda, o significativo fato de o discurso em análise ser produzido por um pré-adolescente, que pela sua pouca idade sinaliza um enquadramento textual, a princípio, sem a presença de estratégias argumentativas. Por outro lado, apesar de não aparecer de forma direta outras vozes, pelo dialogismo da linguagem⁸, o discurso do orador acaba trazendo, em si, outras vozes que compartilham do mesmo pensamento e outros posicionamentos possíveis de discursos que não estão necessariamente explícitos. Desse modo, embora não seja um texto propriamente argumentativo (com duas ou mais vozes conflitantes), percebe-se uma dimensão argumentativa⁹, como uma tentativa de o orador influenciar o outro a respeito do seu ponto de vista em detrimento dos outros pontos de vista possíveis.

4.1 ANÁLISE COM FOCO NO *LOGOS*

Na primeira parte do discurso, no início de sua fala, o orador utiliza-se do *argumento de definição*¹⁰ para classificar aquilo que considera como coisas boas (“*As coisas boas são...*”) e como coisas ruins (“*Mas as coisas ruins são...*”). Esse recurso é também utilizado no início da segunda parte para falar sobre seus sentimentos

⁸ Segundo Beth Brait, no artigo “As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso” (1994), o dialogismo é um conceito bakhtiniano que pode ser entendido como relação constante entre diálogos, que ocorre nos mais diversos discursos de uma sociedade. Nesse sentido, a palavra não é propriedade exclusiva do falante, pois há outras vozes que compõem o seu discurso. É importante salientar que essa noção também é utilizada na Análise do Discurso.

⁹ Segundo Amossy (2018a), *dimensão argumentativa* é uma forma de argumentação através da língua, que de forma modesta, disfarçada, compartilha um ponto de vista, visando, assim, modificar a forma de ver e de sentir do interlocutor.

¹⁰ Sobre *tipos de argumentos e lugares retóricos*, conferir a obra *Tratado da argumentação: a nova retórica*, de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005).

(“*Sentimentos são...*”). Voltando ao início, após o primeiro ponto, a continuidade das coisas boas é reforçada pelo marcador textual “também”. Na sequência, o orador vale-se da mesma estratégia ao utilizar o conectivo “mas” antes de definir o que considera ruim. Esse conectivo encabeça uma *oração coordenada adversativa*, cuja função — e nesse caso, objetivo do orador — é mostrar coisas que são opostas ao que foi citado anteriormente. Mais à frente, o orador utiliza-se, mais uma vez, do conectivo “mas” e do anafórico “ela” para apontar certa contradição relacionada ao fato de a mãe ficar em casa, mas não poder brincar com ele (*mas ela tem que ficar trabalhando*). O público ouvinte pode até entender que esses recursos foram utilizados sem nenhuma pretensão por parte do orador, no entanto, com base na retórica, os discursos sempre têm a pretensão de convencer e persuadir o auditório.

Ainda na primeira parte do discurso, percebe-se que o orador se utiliza de um *argumento de sacrifício* (que também pode ser um *argumento de comparação*) para expor quanto tempo ele precisa esperar para atingir seu objetivo. Assim sendo, ele faz questão de dizer que teve que fazer outras coisas, deixando de brincar por um período de vinte e três dias (“*Eu tenho tempo pra construir essa caixa só **que eu vou ter que esperar mais vinte e três dias para completar ela***”). Construir uma caixa pode ser algo prazeroso para ele, no entanto a expressão contrastiva “*só que*”, utilizada antes da expressão temporal “*esperar vinte e três dias*”, revela que essa demora não é algo que o deixou contente. “Esperar” é também um termo que demonstra a ansiedade e o controle do tempo do enunciador, dando a saber de uma expectativa. Pelo dialogismo da linguagem, é possível depreender que essa situação poderia ser diferente se não fosse o isolamento social. Um bom exemplo dessa condição foi quando ele foi “forçado” a trocar a opção de estar na rua construindo com os colegas, o que poderia ser rápido, para construir sozinho e gastar bastante tempo.

É possível observar também nessa primeira parte do discurso que o orador se utiliza do *lugar retórico de pessoa* para dizer, implicitamente, que as coisas materiais

não podem ser valorizadas mais que o ser humano, mais que as atitudes que o levam a sentir-se feliz (*“minha mãe tem que ficar em casa, mas ela tem que ficar trabalhando, é... Eu não posso ver muito meus amigos... Eu não posso abraçar meus primos...”*). Desse modo, primeiro as pessoas, as coisas materiais ficam para depois. Esse recurso utilizado pelo orador pode ser considerado um protótipo na tentativa de persuadir o auditório, nesse caso específico, mexer com os sentimentos e emoções dos adultos.

Na segunda parte do discurso, o conectivo “porque” encabeça três *orações coordenadas explicativas* para justificar um momento em que o orador se sente feliz (*“felicidade, **porque** eu posso ficar **bastante** tempo [...] com minha mãe...”*), para reforçar a importância da mãe (*“...**porque** meu pai mora fora”*) e para justificar o que o deixa triste (*“É... Tristeza... **porque** minha mãe não pode ficar o tempo inteiro comigo. E **também**... é... muita...muito ansio (sic) [ansioso] pra sair de casa e poder brincar na rua”*). Os marcadores textuais “bastante” e “também” são recursos que reforçam, respectivamente, o alto nível de felicidade do orador quando está próximo da mãe e a sua decepção por não poder sair de casa. Esses traços do orador manifestados através do *logos* vão revelando uma imagem do orador (*ethos*) e, conseqüentemente, despertando reações no auditório (*pathos*).

Na terceira parte do discurso, o orador responde sobre o que diria para os adultos. Nessa parte, mais do que nas duas primeiras, durante a enunciação o *logos* é marcado por uma estrutura rítmica com acentos apreciativos mais acentuados em dois momentos (*“Eu diria para eles ficarem **ma::is** com as crianças. [...]. Eu diria para eles **nã::o** ficarem o dia inteiro no computador...”*) e hesitações em outros dois (*“**E**... Eu gostaria que minha mãe ajudasse a construir essa caixa comigo, só que ela tem muita coisa pra fazer. **E**... Tchau!”*). Essa estrutura prosódica do *logos* também pode construir alguma imagem do orador e suscitar emoções no leitor/ouvinte. Detalharemos com mais precisão nas seções específicas essas prováveis construções discursivas a partir do *logos* retórico.

Ainda nessa terceira parte, o orador utiliza-se da *figura de linguagem anáfora* para orientar como os adultos devem agir em relação às crianças e expressar a intensidade do seu sentimento em relação ao comportamento dos adultos (“*Eu diria para eles... [...] Eu diria pra eles... [...] Eu diria para eles... [...] Eu também diria pra eles...*”). Embora essa repetição pareça ser excessiva, o formato fortalece o objetivo do orador na construção do discurso, que é chamar a atenção dos adultos. O marcador textual “também” funciona como um acréscimo de mais uma ação na lista de coisas “obrigatórias” que os adultos deveriam fazer. Diante dessa extensa lista, o orador utiliza-se mais uma vez da **anáfora** como figura de linguagem para dizer que há adultos que até executam algumas dessas ações, mas precisam aumentar essa prática (“*Eu também diria pra eles... se divertirem **mais**, brincarem **mais** com os filhos, verem **mais** filmes de séries em família ao invés de ficar no meio do filme olhando o celular*”). A *locução prepositiva* “ao invés de” funciona como um conectivo de contradição, para fazer uma crítica aos adultos, visto que, até quando eles dão certa atenção às crianças, não se desprendem do celular.

A crítica aos adultos permeia toda a terceira parte do discurso do orador. Porém, ele parece livrar a mãe dessa avaliação (“*Eu gostaria que minha mãe ajudasse a construir essa caixa comigo, **só que** ela tem muita coisa pra fazer*”). Ainda na primeira parte do discurso há algo semelhante (“*Não posso sair de casa, minha mãe tem que ficar em casa, **mas** ela tem que ficar trabalhando*”). Com efeito, os conectivos adversativos “mas” e “só que” encabeçam orações independentes, cujos sentidos sinalizam a desresponsabilização da mãe nesses casos. Isso fica mais evidente quando o orador fala dos sentimentos que o deixam feliz (“*...**felicidade**, porque eu posso ficar bastante tempo com meus pais... **Com minha mãe**, porque meu pai mora fora*”). Nesse último excerto, o orador faz uma importante revelação sobre os pais (“*...meu pai mora fora*”).

No geral, observa-se que há uma retomada de algumas estruturas, estratégias e raciocínios. Essa recorrência, enquanto efeito do *logos* (do dizer) é fundamental para o projeto retórico do orador, é um recurso argumentativo com poderes que visam atingir o *pathos*.

4.2 ANÁLISE COM FOCO NO *ETHOS*

Uma primeira observação a ser feita diz respeito ao *ethos prévio* do orador, que é construído a partir dos estereótipos sociais. Essa construção, como nos afirma Galinari (2014), pode variar a depender da filiação particular do público a determinados valores sociais e ideológicos, pois, consciente ou não, sua avaliação é balizada por meio de julgamentos. No caso do orador do *corpus* em análise, por se tratar de um pré-adolescente de 10 anos de idade, acreditamos não haver um desacordo, já que é natural determinados comportamentos que são comuns nessa idade, como, por exemplo, se divertir com os colegas, querer a atenção dos pais ou, em outros casos, não querer tanto essa aproximação. A descrição do menino apresentada no vídeo antes do seu discurso, também é fundamental para que o público construa uma imagem prévia dele. Só recapitulando essa descrição: *Menino L, 10 anos, pele preta, cabelos crespos e veste uma camiseta regata*. A partir dessa apresentação de L, dificilmente o público em geral não suponha que se trata de uma criança pobre.

Adentrando na imagem do orador, vejamos como acontece a transcodificação do *logos* (apresentado no tópico anterior) em *ethos discursivo*¹¹. Diante do que foi visto, acreditamos não ser difícil essa tarefa. Inicialmente, retomemos, de forma resumida, a primeira parte do discurso do orador. Através do *logos*, o orador faz definições sobre o que tem sido bom e ruim no isolamento social, valoriza a importância de estar próximo das pessoas que gosta, utilizando para isso, recursos linguísticos e estratégias

¹¹ Galinari (2014) prefere a terminologia *ethos presente* no lugar de *ethos discursivo*.

persuasivas a partir de argumentos variados. Nessa parte, três pontos chamam a atenção: a presença (ou a ausência) da mãe, a exposição de termos que se opõem (“*posso*”, “*não posso*”) e a liberdade para estar com as pessoas que gosta. Na segunda parte do discurso, o orador continua apontando definições, dessa vez sobre os sentimentos bons e ruins. E mais uma vez, a ausência da mãe e sair para a rua são destaques. Na terceira parte, o orador insiste em expor as suas angústias, desta feita com a maneira como os adultos agem em relação às crianças. O fato de a mãe estar sempre ocupada é enfatizado mais uma vez.

Essas informações constatadas no *logos* desdobram-se no *ethos* do enunciador, revelando, assim, seus valores (*ver os amigos, abraçar os primos, ficar com a família*), seu lado emocional (*feliz, triste*), seu modo de agir (*brincar, divertir-se*) e de pensar (*o que ele acha dos adultos e o que diria para eles*). Portanto, o orador revela seu incômodo por estar em isolamento provocado pela pandemia e, desse modo, discursivamente se constrói um *ethos* de *uma criança carente da presença de pessoas*, sobretudo da mãe. Acreditamos que, com as alterações bruscas de rotina devido à pandemia, de alguma forma, esse nível de carência foi afetado. Essa constatação do *ethos* mostrado revelada pelas inúmeras dimensões do *logos* é compatível com o *ethos* prévio do orador L.

Vimos, em Ferreira (2017), que ao construir seu *ethos* por meio do discurso, o orador também constrói uma imagem daqueles de quem ele fala. Feitas tais reprises, salientamos que o orador cita a mãe, diretamente, em quatro momentos (“*...ela tem que ficar trabalhando*”; “*...felicidade, porque eu posso ficar bastante tempo [...] com minha mãe...*”. *É... Tristeza... porque minha mãe não pode ficar o tempo inteiro comigo*”; “*...ela tem muita coisa pra fazer*”) e dedica quase metade de seu discurso sugerindo como os adultos deveriam fazer e o que não deveriam em relação às crianças (“*Eu diria para eles ficarem ma::is com as crianças. [...] Eu diria para eles nã::o ficarem o dia inteiro no computador trabalhando e só raramente sair na hora de almoçar*”). Quanto à

mãe, através do discurso do orador, evidencia-se um *ethos*, sobretudo, de *mulher trabalhadora*. No que tange aos adultos, sobressai um *ethos* de *pais que estão sempre ocupados, que não dão atenção aos filhos*.

Cumpra ressaltar que a construção do *ethos*, seja prévio ou discursivo, passa pelo crivo dos valores e visões de mundo do perfil do auditório. Por esse motivo, antes de qualquer discurso, é importante ter, no mínimo, uma ideia sobre o perfil do público para antever os prováveis impactos retóricos.

4.3 ANÁLISE COM FOCO NO *PATHOS*

Antes de começarmos a análise, retomemos a definição do termo *pathos*, que, no campo retórico/argumentativo, conforme define Galinari (2014), pode ser entendido como o conjunto dos aspectos linguístico-discursivos (*logos*) capazes de desencadear algum tipo de sentimento no ouvinte. Lembremos também que as reações do *pathos* vão depender da subjetividade do auditório. Assim, no caso do vídeo que aqui analisamos, há efeitos de sentido possíveis referentes ao perfil das sessenta e seis pessoas que acessaram essa materialidade. Nessa perspectiva, a construção de sentido se dá, primordialmente, por meio da patemização, que, segundo Charaudeau (2010), pressupõe a promoção da sensibilização. Ou seja, possibilita o desencadeamento de emoções dentro de um processo discursivo como “efeito visado” (suposto).

Começamos por visualizar o *pathos* por meio do *logos*. Como mostramos anteriormente, há uma recorrência no dizer do orador para expor, principalmente, as coisas que o incomoda. Com relação a visualizar o *pathos* por meio do *ethos*, lembremos que o orador constrói o *ethos* de uma criança virtuosa¹², que valoriza a família, o contato com os amigos, uma criança carente da presença de pessoas. Destacamos que no seu projeto retórico o orador faz uma crítica aos adultos e isso por

¹² Ser virtuoso, no sentido aristotélico, está voltado para o bem agir, para ações saudáveis que trazem felicidade (Cf. *Ética a Nicômaco*).

certo gera reações no *pathos*. Destarte, mesmo se tratando de uma crítica de uma criança, ainda assim, é possível que alguém possa ir de encontro a esse discurso e crie algum tipo de sentimento adverso. No entanto, em nosso entendimento, diante da realidade pandêmica, é muito provável que haja uma empatia do *pathos* (o público em geral) ao discurso do orador, pelo fato de o mundo inteiro estar passando por situação semelhante e, conseqüentemente, as pessoas solidarizarem-se com o discurso desse orador. Sendo assim, algumas paixões podem ser despertadas no auditório (no sentido aristotélico), como indignação, por exemplo, visto que as crianças não merecem passar por essa privação de liberdade e falta de atenção dos pais. Ao mesmo tempo, é possível que provoque no *pathos* um sentimento de mais amor pelas crianças. Com efeito, a capacidade do *ethos* de agir por empatia, como nos afirma Galinari (2014), incorpora ético-emotivamente o interlocutor.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise mostrou que as três provas retóricas são indissociáveis. Se focarmos apenas no *ethos*, por exemplo, já temos uma dimensão racional, que é oriunda do *logos*, e uma dimensão afetiva, que é proveniente do *pathos*. Como afirma Galinari (2014), são três “ângulos” de um mesmo discurso disponível, que o analista pode escolher para fazer a sua interpretação e a especulação dos efeitos possíveis. Concordamos plenamente sobre essa inter-relação, inclusive, sentimos um pouco de dificuldade em fazer a análise separando uma prova retórica da outra. Diante disso, podemos afirmar que os traços mais acentuados das três provas, as imagens de si e as emoções suscetíveis no auditório (*ethos* e *pathos*, respectivamente) só se tornam possíveis a partir do discurso (*logos*). Com efeito, essa tridimensionalidade do discurso possibilita ao analista ter uma amplitude do *logos* e, conseqüentemente,

observar os elementos explícitos e implícitos que contribuem para a construção do *ethos* do orador.

Isto posto, a análise através do imbricamento das provas retóricas, parece-nos uma ferramenta epistemológica que permite ao analista do discurso obter resultados mais evidentes a partir de seu olhar sobre os *corpora* nas diferentes perspectivas (a saber, a do *logos*, a do *ethos* e a do *pathos*). Essa inter-relação possibilita levantamento de dados, se não concretos, mas de dados verossímeis para a construção do *ethos* do orador. Com efeito, os resultados encontrados se articulam com a infância, visto que as características do orador reveladas em seu discurso condizem com o perfil de uma criança da idade dele. Como sabemos, é natural que uma criança de 10 anos de idade goste de brincar com os amigos e queira receber atenção dos pais, por exemplo. Essas características mantiveram-se no discurso apresentado pelo orador. Ou seja, a análise revelou que o *ethos* prévio do orador foi confirmado no *ethos* mostrado. No entanto, frisamos que o direito à liberdade, ao lazer e ao convívio social, como apregoa o Artigo 4º do Estatuto da Criança e do Adolescente, não foi, de fato, efetivado.

A imagem discursiva do orador depreendida no *logos* revelou um *ethos* de criança carente da presença das pessoas, especificamente da presença da mãe, que mesmo estando exclusivamente em casa, não tinha como suprir as necessidades afetivas e sociais do filho. Já o *ethos* dos adultos — incluindo nesse grupo a mãe — apontou que estes vivem na correria do cotidiano e não dão a devida atenção aos filhos. E aqui merece um alerta, seja em casa (para os pais/responsáveis) ou na escola, sobretudo para os professores: é preciso estar atento aos discursos das crianças, pois revelam direta e indiretamente aquilo que pensam e sentem. Destarte, o dizer nunca é neutro e pode ter múltiplos sentidos.

A análise revelou, ainda, por meio do *logos*, que o discurso do menino L apresentou vários recursos persuasivos que foram determinantes para a construção do seu *ethos* discursivo e para a construção do *ethos* dos adultos, de quem ele fala.

Observamos que o medo de ser contaminado pelo coronavírus e a impossibilidade de sair de casa, por exemplo, influenciaram as escolhas lexicais do orador L, e, à vista disso, a construção dos *ethé* revelados pelo discurso.

Essa percepção não é algo inédito, *stricto sensu*, mas teoricamente apresenta um enquadramento claro concernente ao papel das provas retóricas para a construção do *ethos* do orador e da sua relevância para os debates e estudos discursivos da argumentação. Em síntese, a análise mostrou que qualquer materialidade discursiva, independente do perfil do orador, contém vários elementos que possibilitam ao analista perceber dados valiosos construídos e orquestrados por esse orador (de forma consciente ou não).

REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth. *A argumentação no discurso*. Trad. Angela M. S. Corrêa... [et al.]. São Paulo: Contexto, 2018a.

_____. Da noção retórica de *ethos* à análise do discurso. In *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Trad. Dilson Ferreira da Cruz et al. São Paulo: Contexto, 2018b [2005]. p. 9-28.

ARISTÓTELES [384-322 a.C.]. *Retórica*. Trad. Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa, 2005.

CHARAUDEAU, Patrick. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. In MENDES, Emília; MACHADO, Ida Lúcia (org.). *As emoções no discurso*. vol. II. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010. p. 23-56.

COMUNIDADE ESCOLAR. *Minha mãe fica em casa, mas trabalhando*. Disponível em: <https://guia6comunidade.wixsite.com/campanha/familia>. Acesso em: 10 jul. 2021.

DW. Pandemia agravou a crise humanitária global, diz ONU. *DW Made for minds*, 2020. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/pandemia-agravou-crise-humanit%C3%A1ria-global-diz-onu/a-55788790>. Acesso em: 10 jul. 2021.

ESTADÃO. Os impactos do coronavírus em 11 setores. *Estadão*, 2020. Disponível em: <https://investidor.estadao.com.br/mercado/impactos-coronavirus-nos-setores>. Acesso em: 10 jul. 2021.

FERREIRA, Luiz Antonio. *Leitura e persuasão: princípios de análise retórica*. São Paulo: Contexto, 2017.

GALINARI, Melliandro Mendes. Logos, ethos e pathos: “três lados” da mesma moeda. *Alfa*, São Paulo, n. 58, v. 2, p. 257-285, 2014.

JORNAL DA USP. Pandemia e duas consequências estimulam violência e desesperança em comunidades carentes. *Jornal da USP*, 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/pandemia-e-suas-consequencias-estimulam-violencia-e-desesperanca-em-comunidades-carentes>. Acesso em: 15 jul. 2021.

MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia e incorporação. In AMOSSY, R. *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2018 [2005]. p. 68-92.

_____. A propósito do ethos. In MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (org.). *Ethos discursivo*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 11-29.

MARIANO, Márcia Regina. *Em torno do ethos docente: análise de relatos de experiência com o ensino remoto emergencial durante a pandemia de Covid-19*. I Congresso Internacional de Estudos Sociodiscursivos, 2020. No prelo.

Recebido em: 28/07/2021

Aceito em: 22/09/2021